

TDAH IMPLICAÇÕES NA VIDA PESSOAL E ESCOLAR: UMA DISCUSSÃO¹

Simone Caldas Tavares Mafra², Leandro Bicalho Lopes³,
Viviane Aparecida Sudre Teixeira⁴, Larissa Emanuele de
Souza Padilha⁵, Adriana Andrea de Oliveira⁶, Ana Paula
Gomes⁷, Gleiciane Botelho⁸

Resumo: O estudo buscou a partir da literatura e vídeos com depoimentos sobre a vivência do TDAH, discutir a reorganização da vida cotidiana e em que medida o diagnóstico favoreceu ou não tal reorganização. Para estruturação do estudo utilizou-se da revisão bibliográfica a partir do *SciELO* considerando o descritor “TDAH AND escola”, com os filtros, Coleções; Periódicos; Ano de Publicação; Idioma. Identificou-se 05 artigos e 05 vídeos sobre como é viver o TDAH. O referido estudo possibilitou entender que, o diagnóstico permitiu ao indivíduo se sentir “mais completo”, considerando que antes do mesmo parecia que faltava algo para ele se explicar como sujeito. Na escola não se observou um avanço

¹Trabalho desenvolvido sob orientação do Professor Leandro Bicalho, na disciplina “Psicologia Escolar e Educacional” do curso de Psicologia do Centro Universitário de Viçosa, UNIVIÇOSA, Viçosa, MG.

²Graduanda em Psicologia – UNIVIÇOSA. e-mail: sctmafra@ufv.br

³Docente no curso de Psicologia – UNIVIÇOSA. e-mail: leandrobicalholopes@yahoo.com.br

⁴Graduanda em Psicologia – UNIVIÇOSA. e-mail: vi.sudre.teixeira@gmail.com

⁵Graduanda em Psicologia – UNIVIÇOSA. e-mail: larissapadilha612@gmail.com

⁶Graduanda em Psicologia – UNIVIÇOSA. e-mail: adrianaandrea.oliveira@gmail.com

⁷Graduanda em Psicologia – UNIVIÇOSA. e-mail: ganapaula2000@gmail.com

⁸Graduanda em Psicologia – UNIVIÇOSA. e-mail: gleicibotelho@gmail.com

entre o diagnóstico e a melhoria das relações no processo ensino aprendido, contribuindo para reforçar o “problema” do “fracasso” escolar no indivíduo e não na ineficácia dos métodos. Os trabalhos analisados colocam que a Psicologia Escolar e Educacional a partir da abordagem sócio-histórica e sócio-cultural tem realizado críticas as escolas quanto a forma de lidar com o TDAH, visto essas enfatizarem o diagnóstico e a medicalização. Mas por outro lado tem aportado poucas contribuições à pedagogia para a valorização das diferenças nas escolas, na perspectiva de superação dos estigmas que se constroem sobre o sujeito e que tanto colaboram para a desconstrução da noção do eu.

Palavras-chave: Aprendizagem e escola, relações familiares, subjetividade

Abstract: *The study sought from the literature and videos with testimonies about the experience of ADHD, to discuss the reorganization of daily life and to what extent the diagnosis favored or not such reorganization. To structure the study, a bibliographic review was used from SciELO, considering the descriptor “ADHD AND school”, with the filters, Collections; periodicals; Year of Publication; Language. 05 articles and 05 videos were identified on what it is like to live with ADHD. The aforementioned study made it possible to understand that the diagnosis allowed the individual to feel “more complete”, considering that before the same it seemed that something was*

missing for him to explain himself as a subject. At school, there was no progress between the diagnosis and the improvement of relationships in the teaching- learning process, contributing to reinforce the “problem” of school “failure” in the individual and not in the ineffectiveness of the methods. The analyzed works state that School and Educational Psychology, from a socio-historical and socio- cultural approach, has criticized schools regarding the way to deal with ADHD, since they emphasize diagnosis and medicalization. But on the other hand, it has made few contributions to pedagogy for the valorization of differences in schools, in the perspective of overcoming the stigmas that are built on the subject and that collaborate so much for the deconstruction of the notion of self.

Keywords: *Learning and school, family relationships, subjectivity*

INTRODUÇÃO

O referido estudo buscou trazer à discussão o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) considerando em especial como a pessoa e a família recebem o diagnóstico, e como a tomada de consciência deste interfere, positivamente ou não, na relação com a escola. E na escola como essa recebe, entende e apoia seu aluno com o TDAH no processo de ensino/ aprendizagem.

O objetivo desse estudo foi discutir, a partir da literatura e dos vídeos de depoimentos sobre a vivência do TDAH, como ocorreu a reorganização da vida cotidiana (escola, família, amizades, relacionamentos interpessoais) e em que medida o diagnóstico favoreceu ou não tal reorganização. Especificamente buscou-se entender pelos depoimentos e pela literatura como a escola se organizou para atender o cotidiano do sujeito com o TDAH, considerando o processo de ensino aprendido e do “aprender a aprender”.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizada uma revisão da literatura no *SciELO* (*Scientific Eletronic Library Online*), considerando o descritor: “TDAH AND escola”, com os seguintes filtros: Coleções (Brasil); Periódicos (Psicologia Escolar e Educacional; Educação e Pesquisa; Paidéia; Psicologia e Sociedade); Ano de publicação (2010-2020, havendo destaque para os anos de 2011, 2016, 2017 e 2020); Idioma (português). Evidenciou-se um total de 05 artigos, sendo um deles abordando mais especificamente o estigma vivenciado pelo diagnóstico. Embora não trate especificamente do tema TDAH e escola, o referido artigo foi mantido para discutir as implicações do diagnóstico na vida pessoal do sujeito que vivencia o TDAH. Além da revisão sobre o tema no *SciELO*, realizou-se a pesquisa no Google buscando-se vídeos com depoimentos, ou seja, que pautassem na história de vida do sujeito que vivencia o TDAH. Dos diferentes vídeos localizados, a maioria

trouxe a abordagem de especialistas, poucos se dedicavam a apresentar a história do sujeito.

Selecionou-se 05 vídeos que atendiam o objetivo do estudo, ou seja, tratavam da história de vida dos sujeitos com o diagnóstico do TDAH.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da literatura e dos vídeos da história de vida dos sujeitos com o TDAH, como mencionado no texto introdutório, fez-se a discussão do “rótulo”: ter TDAH. Observou-se que em algum momento isso foi um “empecilho” na organização do “eu” (subjetividade do sujeito), dando especial atenção ao papel da escola para esta dificuldade. A Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA) tem se ocupado de realizar diferentes pesquisas, eventos, apresentação de depoimentos para que haja uma maior compreensão de como o TDAH é vivenciado pelos diferentes atores sociais (sujeito, família, escola). Esse movimento proposto pela ABDA é valoroso, mas, não consegue evidenciar todos os estigmas vivenciados pelo sujeito com o TDAH. A literatura ainda é escassa no tema sobre o estigma. E nos últimos 10 anos de publicação (2010/2020) apenas um estudo buscou discutir o tema no Brasil quando se pensa no ambiente escolar e o TDAH, e considerando os filtros utilizados no estudo.

Os argumentos trazidos nas falas dos depoentes reforça o que Barbarini (2020) enfatiza no seu estudo quando a autora

menciona sobre os comportamentos que não são reforçados socialmente, como por exemplo, comportamento a partir de regras. Ela chama isso de “resistência a socialização”, e a intolerância social, do que se convencionou como “normal”. Em especial a autora fala da diferença de gênero, tal expectativa sobrepõe mais sobre meninos que meninas, inclusive menciona da dificuldade do diagnóstico das meninas, considerando que se observa menos o comportamento de meninas do que de meninos. Dando continuidade aos depoimentos percebe-se para as mulheres quase um conformismo com a realidade que vivenciam. No depoimento das mulheres e da menina apresentados, fica muito claro o que Barbarini(2020) menciona de que quando a impulsividade e a hiperatividade são visualizadas na mulher fica mais fácil compreender como “algo que escapa às expectativas”, por isso o sofrimento emocional é maior para elas que vivem o sentimento de inferioridade, vergonha e humilhação de serem como são.

Os diferentes trabalhos publicados sobre o tema TDAH e escola de 2010 a 2020 trazem tal discussão na perspectiva do desenvolvimento psicossocial; medicalização para a construção da aprendizagem; avaliação das escolas considerando alunos com o TDAH, se tal presença interfere ou não na eficiência da escola; estratégias de aprendizagem, como se organizam quando há o TDAH. Percebe-se que há uma grande variedade nos temas. E a discussão que o estudo trouxe, permeou a sequência apresentada.

A construção da imagem de si em parte depende da forma como o outro lhe percebe, como já mencionado anteriormente. E

dentro da discussão do desenvolvimento psicossocial Rangel Jr e Loos (2011) enfatizaram que isso deve ser um expoente a ser trabalhado na escola quando há alunos com TDAH, visto que normalmente esses são vítimas de críticas pouco construtivas por parte dos professores e colegas. Considerando os vídeos analisados vários são os depoimentos que corroboram com as conclusões dos autores.

Dentro da perspectiva do desinteresse, e dando ênfase a abordagem sócio-histórica da discussão do TDAH nas escolas, Signor *et al* (2017) destacam a medicalização nas escolas como uma forma de desconstrução da subjetividade do sujeito, visto que a medicalização pode ser muito mais uma forma de amenizar o sofrimento nas interações sociais do que os sintomas propriamente dito. Nesse sentido, as autoras defendem que muitas vezes o aprendizado se dá no que elas denominaram de “afetivo-volitivas” do que em função da medicalização (SIGNOR *et al*, 2017, p. 757). Tais elementos já circunscrevem o papel da escola, que é manter o aluno sobre suas regras, mesmo que para isso a medicalização se faça presente. O TDAH na escola assim como na vida do indivíduo diagnosticado, tem contribuído com a desconstrução da subjetividade do indivíduo. Socialmente é entendido como um “sujeito desorganizado” que não atende às expectativas sociais, independente do gênero como colocou Barbarini (2020). E na escola como aquele que não tem “futuro” ou incapaz de construir o projeto de futuro. Mas principalmente na escola onde o processo ensino aprendizagem deveria ser construído com e pelo sujeito, esse referido espaço de aprendizado o qualifica como “incapaz” para efetivar tal troca. Tal argumento desconsidera que é nesse espaço que se

espera exista a relação mútua (professor/aluno), mas o que se vê é a precariedade do trato com esses para fazer emergir suas potencialidades, como enfatiza Rangel Jr e Loos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo inicial, o referido estudo possibilitou concluir que, o diagnóstico permitiu o indivíduo a se sentir um sujeito “mais completo”, considerando que antes do mesmo parecia que faltava algo para ele se explicar como sujeito. Na escola não se observou um avanço entre o diagnóstico e a melhoria das relações no processo ensino-aprendizado, visto que tal fato contribuiu para reforçar o “problema” do “fracasso” escolar no indivíduo e não na ineficácia dos métodos. Nesse sentido o objetivo específico que se tinha com o estudo de entender pelos depoimentos e pela literatura como a escola se organiza para atender o cotidiano do sujeito com o TDAH, constatou-se pelos estudos apresentados que, a escola não se instrumentalizou/se organizou para o processo de “aprender a aprender”.

Os trabalhos analisados permitiram reconhecer que a Psicologia Escolar e Educacional a partir da abordagem sócio-histórica e sócio-cultural tem realizado críticas ao processo de como as escolas têm tratado o tema TDAH, dando ênfase demasiada ao diagnóstico e a medicalização que se segue após a mesma. Mas por outro lado tem aportado poucas contribuições à pedagogia para a valorização das diferenças nas escolas, na

perspectiva de superação dos estigmas que seconstroem sobre o sujeito e que tanto colaboram para a desconstrução da noção do eu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBARINI, Tatiana de Andrade. *Corpos, “mentes”, emoções: Uma análise sobre TDAH e socialização infantil.* **Psicologia & Sociedade**, 32, e173058, 2020.

RANGEL JÚNIOR, Édison Britto; LOOS, Helga. *Escola e desenvolvimento psicossocial segundo percepções de jovens com TDAH.* **Paidéia**, v. 21, n.50, 2011.

SIGNOR, Rita de Cassia Fernandes; BERBERIAN, Ana Paula; SANTANA, Ana Paula. *A medicalização da educação: implicações para a constituição do sujeito/aprendiz.* **Educ. Pesqui.**, v. 43, n. 3, 2017.

DEPOIMENTO de Juju Bessa. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9bLlSzwUFFI>>. Acesso em: 13 de out. 2020. 4:00.

MICHAEL Phelps sobre TDAH. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L9nJkS39BPw&feature=youtu.be>>. Acesso em: 13 de out. 2020. 1:28.

TDAH – Histórias Reais. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XfAp8_706OU>. Acesso em: 13 de out. 2020. 6:24.